

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

RODRIGO DE CAMARGOS VAZ DE ALMEIDA

**ESTUDO DE CASO: DINÂMICAS PARTIDÁRIAS DA EXCLUSÃO POLÍTICA DE
MULHERES NO BRASIL**

São Paulo

2022

RODRIGO DE CAMARGOS VAZ DE ALMEIDA

**ESTUDO DE CASO: DINÂMICAS PARTIDÁRIAS DA EXCLUSÃO POLÍTICA DE
MULHERES NO BRASIL**

Trabalho individual apresentado à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão e Políticas Públicas.

Área de Concentração: Gestão e Políticas Públicas

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Gonçalves Couto

São Paulo

2022

RODRIGO DE CAMARGOS VAZ DE ALMEIDA

**ESTUDO DE CASO: DINÂMICAS PARTIDÁRIAS DA EXCLUSÃO POLÍTICA DE
MULHERES NO BRASIL**

Trabalho individual apresentado à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão e Políticas Públicas.

Área de Concentração: Gestão e Políticas Públicas

Data de aprovação: ____/____/____

Banca examinadora:

Prof. Dr. Cláudio Gonçalves Couto (Orientador)
FGV-EAESP

Prof. Dr. Marco Antonio Carvalho Teixeira
FGV-EAESP

Prof. Dr. Eduardo José Grin
FGV-EAESP

RESUMO

Depois de um árduo e muito bem sucedido esforço de mobilização de pré-candidaturas para as eleições municipais, Sérgio, um jovem dirigente partidário de um município de médio porte, se depara com um desafio: o de decidir quais destas pré-candidaturas serão e não serão efetivadas. Ao analisar suas opções, percebe que a maioria das pré-candidatas femininas são pouco competitivas, ocasionando em uma dificuldade no cumprimento da cota partidária e uma discussão entre seus pares na direção partidária sobre quais estratégias usar para selecionar os candidatos e como melhor utilizar os recursos de campanha.

O caso pretende ilustrar a complexidade das decisões político-partidárias e seus impactos na sociedade e nas eleições. É dada primazia à questão de gênero, cujas alterações recentes nas regras eleitorais devem impactar muito o debate público durante as eleições municipais em 2020. O intuito é discutir as questões de exclusão política de mulheres no Brasil, em especial sobre o papel dos partidos políticos neste fenômeno.

Palavras-chave: Representação feminina na política; Paridade de gênero; Partidos políticos; Mulheres na política; Eleições

ABSTRACT

After a long and successful effort to mobilize electoral candidacies in his municipality, a young party leader from a middle size municipality is comes across a challenge: to decide which candidacies will and will not be carried out. After analyzing his options, Sergio notices that most women are not competitive candidates to the Legislative branch, but cutting them out would imply on incomplice to the electoral law. He then discuss electoral strategies with other party leaders.

This case study intends to illustrate the complexity of political decisions and its impacts on society and elections. As the gender agenda and its recent changes on Brazilian electoral rules had much impact during the 2020 municipal elections, it will be discussed some matters concerning of political exclusion of women in Brazil and what is the political parties role in this phenomenon.

Keywords: Women political representation; Gender equality; Political parties; Women in Politics; Elections

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO: O CASO..... | 7 |
| PROCESSO DE SELEÇÃO E COTA PARTIDÁRIA..... | 8 |
| A REUNIÃO..... | 11 |
| NOTAS DE ENSINO..... | 21 |
| Sinopse..... | 21 |
| Objetivos Pedagógicos..... | 21 |
| Questões para uso do caso..... | 22 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 24 |

O CASO

Sérgio é um jovem dirigente partidário e pré-candidato a vice-prefeito por um partido de oposição ao atual mandatário em um município de pequeno porte no interior de São Paulo.

Durante a pré-campanha para as eleições de 2020, ele e sua equipe mobilizaram 28 cidadãos para se tornarem pré-candidatos para concorrer ao cargo de vereador da cidade pela sua legenda, um recorde histórico do qual estava muito orgulhoso, uma vez que estreava na presidência do diretório municipal e seu partido era relativamente pequeno e isolado. Entre seus pré-candidatos, apenas 2 concorriam para a reeleição e outros 3 já haviam sido vereadores em mandatos anteriores. Os demais eram principalmente “cidadãos comuns”, tomados por um sentimento e vontade de renovação, mas sem carreira pública ou vida dentro do partido.

Outro ponto que se orgulhava era que 13 daquelas 29 pessoas eram mulheres. Quase metade, uma proporção muito superior à praticada Brasil afora, que mesmo com uma cota que obriga a candidatura de pelo menos 30% de cada gênero desde 1997, a proporção de mulheres nos poderes executivo e legislativo é pouco superior a 10%, em qualquer nível, e o número de candidatas.

Apesar do peso de lei, o estudo coordenado por Catarina Barbieri e Luciana Ramos (2019) sobre as eleições em 2018 para a Câmara dos Deputados mostrou que nem todas as coligações partidárias cumpriram as regras da cota de 30% para candidaturas femininas, ainda que, considerando o total de candidaturas ao cargo de deputado federal, o percentual de candidaturas femininas tenha cumprido a cota legal (32,2% do total das candidaturas e 31,6% do total das candidaturas aptas). Na perspectiva das últimas sete eleições, foi a primeira vez que a cota de 30% de candidaturas femininas foi cumprida desde a sua instituição em 1997, considerando globalmente os partidos políticos.

Não foi por acaso. Como a pauta lhe era cara, ele e sua equipe haviam feito um esforço hercúleo de mobilização de candidaturas femininas, realizando visitas diversas vezes, estabelecendo contato contínuo para perfurar barreiras sociais que as

afastavam da vida pública. Sérgio também atribuía esse alto número de mulheres por ter realizado um esforço de trazer muitos pré-candidatos de fora da carreira política e da estrutura partidária tradicional, permeada por homens. Sem essa prioridade à experiência político-partidária, houve mais espaço para candidaturas livres de donas de casas, mães, avós, professoras, estudantes e “pessoas de verdade”, como repetia em suas campanhas pela cidade.

Mas mesmo as rosas têm seus espinhos. Junto ao sucesso de mobilização promovido por Sérgio, veio seu primeiro desafio. Como a Câmara de Vereadores da sua cidade contava com apenas 13 assentos, cada partido poderia lançar no máximo 19 candidatos. Ou seja, 10 indivíduos teriam que ser “cortados” da lista de pré-candidatos do partido e não sairiam como candidatos.

Para ele, uma coisa era certa: aqueles cinco que já tiveram sua força eleitoral “testada” em pleitos anteriores, tendo sido eleitos, eram candidatos certos. Mas ainda deveria escolher os outros 14 candidatos dentre os 24 restantes.

Estudos sobre gênero e política têm constatado que os partidos políticos constituem os principais guardiões (gatekeepers) do acesso das mulheres a estruturas de decisão política, na medida em que os partidos: “(a) fazem o recrutamento e a seleção dos candidatos, (b) são detentores de recursos políticos e financeiros que movem o processo político e eleitoral e (c) organizam e conduzem o processo legislativo por meio da constituição de lideranças e comissões parlamentares que dão destaque a alguns representantes que concorrerão à reeleição em pleitos futuros, eles são centrais em estudos sobre desempenho eleitoral”. (SACCHET, 2020, p. 75)

PROCESSO DE SELEÇÃO E COTA PARTIDÁRIA

Como líder partidário (e pré-candidato a um cargo majoritário), é seu papel conquistar o maior número de votos para a legenda como um todo, para que reverta no maior número possível de assentos. Então essa escolha de candidatos (mesmo aqueles que não serão eleitos) é extremamente estratégica para o sucesso eleitoral do partido e, também, para sua projeção nos órgãos de direção regional e estadual. Sendo assim, para realizar este recrutamento da melhor forma, Sérgio, junto à sua

equipe, começou a elaborar uma lista com o potencial eleitoral que previa de cada um dos pré-candidatos e percebeu algo muito ruim: apenas um homem havia ficado na lista de pessoas não selecionadas. 9 das 13 mulheres recém-filiadas aparentemente não tinham força política suficiente para serem lançadas candidatas.

Conforme ressalta Clara Araújo (2005), os partidos são influenciados por diversos fatores, como por sua ideologia e pelos cálculos eleitorais, por meio dos quais irão definir suas estratégias eleitorais, o recrutamento de candidatos e definição dos investimentos dos recursos nas campanhas. Tendo em vista a predominância de homens na política, especialmente entre os já eleitos e detentores de poder, esses continuam sendo reconhecidos pelos partidos como “puxadores de voto”, o que acaba reforçando a tendência inercial.

Com isso, Sérgio se deparou com um novo desafio: dentre os 19 candidatos considerados competitivos, apenas 4 eram mulher: algo não apenas moralmente recriminável em sua visão, mas como também ilegal, pois não destinava sequer 30% das vagas a um mesmo gênero.

Para Catarina Barbieri e Luciana Ramos (2019), a sub-representação afeta a qualidade da democracia do país, pois, ao excluir grupos sociais em suas Casas Legislativas, reduz a propensão a que os múltiplos interesses de uma sociedade plural e democrática sejam atendidos. Para elas, diante de tamanha disparidade entre a parcela feminina da população e a percentagem de representantes eleitas no Brasil, “é forçoso concluir que não vivemos em uma democracia plena, uma vez que mulheres não participam da elaboração de leis e das políticas públicas que afetam diretamente suas vidas” (p. 12).

Preocupado com o resultado do seu trabalho e imaginando que poderia ter sido enviesado pelo fato das suas candidatas serem “pessoas normais”, Sérgio contratou uma pesquisa eleitoral voltada para os vereadores com uma pergunta central: “Se as eleições fossem hoje, em quem você votaria para vereador(a)?”. A pergunta era feita

duas vezes, sendo a primeira por resposta espontânea e a segunda com a lista de pré-candidatos do seu partido. Sua intenção era observar a existência de líderes comunitárias locais, mulheres influentes nos seus bairros ou comunidades. Mas, para sua ingrata surpresa, o resultado contradizia seus planos. Na espontânea, apenas uma mulher do seu grupo político aparecera (Camila, sua principal aposta entre as mulheres), e na de múltipla escolha, apenas 4 estavam entre os 19 mais votados – três que ele havia selecionado e uma que ele tinha deixado de fora, enquanto outra que ele havia selecionado não apareceu na pesquisa.

Com o novo material, seria relativamente fácil colocar tomar uma decisão. Sérgio poderia selecionar estas 5 mulheres que apareceram no trabalho do diretório e na pesquisa eleitoral para compor o grupo de candidatos do partido e bastaria colocar mais uma. Com 6 mulheres entre os 19 candidatos, a cota de gênero estaria satisfeita. Mas não era essa sua principal preocupação.

Boa parte da sua estratégia de campanha e diferenciação para outros partidos aproveitava essa pauta feminista, da qual era simpático, para promover o voto em mulheres no seu partido, já que tinha tão mais mulheres que o padrão na política de sua cidade, e o assunto estava em voga localmente. Além disso, durante suas visitas para convite e convencimento das pessoas saírem candidatas pelo seu partido, Sérgio chegou a se comprometer com Camila, uma liderança feminina muito engajada na cidade e pré-candidata pela primeira vez, que metade dos candidatos do partido seriam mulheres, mas logo percebeu que aquele número de quase metade não se convertia sequer em 30% de candidaturas que considerava competitivas.

Biroli (2018) ressalta que o problema da sub-representação de gênero na política não é um “problema das mulheres”, mas é um “problema da democracia”, enraizado na divisão sexual do trabalho – e o exercício da política institucional não é visto como “um trabalho de mulher”

Isso trazia um problema ainda pior para o dirigente. Essas eleições municipais seriam a primeira em que, para além dos 30% de vagas de candidatas destinada a mulheres, 30% do Fundo Especial de Financiamento de Campanha, o Fundo Eleitoral,

também deveria ser destinado a mulheres. Sabendo que teria problemas com todas essas questões durante a convenção, convocou o núcleo do partido para ajudá-lo a deliberar sobre isso.

A REUNIÃO

– Eu concordo com a sua lista. Vamos só tirar o Juninho da 43 e o Decão, eu conversei com eles, no lugar a gente coloca essa menina que apareceu na pesquisa e colocamos qualquer outra pra cumprir essa cota – sugeriu Camargo, tesoureiro do diretório municipal do partido, recebendo aprovação dos colegas.

– Não dá para colocar “qualquer outra”. E não dá para ficar com uma equipe de mulheres proporcionalmente tão mais fraca que os homens. A gente vai precisar colocar dinheiro nessas candidatas, pelo menos 30% – lembrou Sérgio.

– Não, esquece isso! Eu sei com quem a gente pode falar, a Verinha lá da escola está como pré-candidata, mas sabe que nem tem chances. A gente pede pra ela entrar no papel, dá um auxílio por fora, e gasta na rubrica pra cumprir essa cota

Um breve silêncio tomou conta da sala.

– Eu não vou nem responder, Álvaro. – continuou Sérgio, virando os olhos para o decano do partido – Alguém quer falar sério sobre alternativas que façam sentido e não sejam literalmente um crime eleitoral?

– Nosso prefeito não vai estar ligando para crime eleitoral se for para fazê-lo eleito... – lamentou Jefferson, o membro do diretório mais próximo do dirigente.

– É, Sérgio, com todo respeito, mas assim você não vai longe na política – recriminou Álvaro.

– Desculpem por não querer o TRE no meu cangote, mas fique sabendo que na cadeia eu também não “vou longe”, Álvaro. Vocês podem achar que não é nada, mas essas coisas mudaram. Candidatura laranja agora eles pegam, mesmo. E mesmo se não pegassem, francamente... – reprimiu Sérgio.

E continuou:

– O que eu tinha pensado para não desperdiçar recurso é colocar os nossos 6 candidatos mais fortes com 70%, e depois colocar os 30% da cota em 13 candidatas mulher.

– Você está louco? Você acabou de mostrar uma lista com 15 homens e 4 mulheres, agora fala em 13 mulheres? – questionou Jefferson.

– É estratégia, a gente faz uma campanha enquanto partido focando nessas questões de gênero, que estão na moda, para votarem em mulher, e joga dinheiro de publicidade nos que tem mais chances. Acho que pode funcionar – defendeu Sérgio.

– Você calculou quanto você perde de voto nisso? Essa coisa de “votar em mulher” não converte. O que converte é gente conhecida, é santinho, carro de som, cabo eleitoral. Numa brincadeira dessas você tira o Tião, que tem pelo menos uns 700 votos só lá no bairro dele, tira o Professor Dorival, que já deu aula pra todo mundo em 3 gerações dessa cidade. Eu estou falando de um potencial de mil votos, pelo menos... Pra colocar mulher que tem o que? 100, 200 votos? A gente no máximo reelege os dois que já estão lá, num momento que nunca estivemos tão fortes como partido. E o prefeito se for eleito governa como, com 2 dos 13 vereadores?

– Sérgio, desculpa, mas a gente tem uma semana pra fechar os candidatos e você nunca falou disso antes. Não é hora de inventar moda – interrompeu Camargo.

– É que tem algumas mulheres realmente muito mobilizadas nas redes. A Camila, por exemplo, é super combativa – continuou Sérgio.

– Sim, claro. Mas todo mundo aqui concorda que ela tem que ser candidata, ela está na sua lista e nós concordamos. Mas isso não significa colocar só mulher – sustentou Álvaro.

– Ok. Eu entendo o ponto de vocês. A gente pode perder alguns votos, mas não sei se são tantos assim. A gente não sabe quantos votos muita gente tem. E colocar candidata laranja está fora de questão. Então o ponto é: vocês preferem que coloquemos 30% das candidatas, sabendo que elas não carregarão 30% dos nossos votos, consumindo proporcionalmente os nossos recursos sem o devido resultado, ou colocamos mais mulheres e não desperdiçamos recursos? Esse é meu ponto.

– Sérgio, não dá para colocar a carroça na frente dos bois. A gente não tem o que fazer se a política não está pronta para receber essas mulheres. Não é nosso

papel. Nosso papel é ganhar as eleições e fazer a maior bancada possível para nosso prefeito. E a pesquisa deixou claro: o povo vota em homem – argumentou Marco, o mais jovem da mesa.

Para Mona Lena Krook e Pippa Norris (2014), as causas da sub-representação feminina podem ser analisadas sob as óticas da oferta e da demanda de mulheres. Pelo lado da oferta, os fatores que influenciam as mulheres a entrar na política se relacionam com os recursos disponíveis (como tempo, dinheiro e experiência), e suas motivações pessoais. Pelo lado da demanda, o foco são os fatores considerados pelos recrutadores dos partidos políticos, tais como as capacidades das candidatas e experiência prévia. As autoras lembram que as escolhas em recrutamento de pessoas também são influenciadas pelos vieses inconscientes, que leva os recrutadores a darem preferência para candidatos masculinos. Há um terceiro aspecto a ser considerado nessa equação que é a predisposição ou não dos eleitores de votarem em mulheres.

– É claro que existem questões estruturais muito maiores que não vamos conseguir influenciar totalmente, mas o papel ativo dos partidos pode sim trazer mais mulheres.

Miguel e Biroli (2010) oferecem três vertentes explicativas sobre a baixa representação política de mulheres. A primeira é o que a teórica feminista Carole Pateman chamou de “liberalismo patriarcal”, relacionada às desigualdades estruturais do mundo liberal em que vivemos, como a relação de subordinação e dependência imposta às mulheres pela divisão sexual do trabalho; a segunda abordagem explicativa que Miguel e Biroli (2010) são as estruturas de oportunidades oferecidas aos diferentes indivíduos, e como o recorte de gênero se relaciona com a capacidade de homens terem maior “ambição política”. Aqui, os estereótipos de gênero são considerados como desafios eleitorais às mulheres, bem como os vieses partidários, a posição social da mulher nos arranjos familiares tradicionais, a própria autoavaliação das candidatas com relação à sua qualificação para o cargo público e até o histórico

de exclusão política formal e institucional recente das mulheres, que data de menos de um século na maioria dos países. A terceira é o que intitulam “recursos materiais” (ou a falta de), sendo esses recursos o dinheiro, o tempo livre e as redes de contato. Aqui, as relações de trabalho aparecem mais uma vez, impondo uma realidade de menos dinheiro, visto que mulheres ganham, em média, menos 20,5% do que os homens em todas as profissões¹. Além disso, as mulheres dedicam 21,3 horas por semana em atividades domésticas e de cuidado, com filhos e pessoas idosas, quase o dobro dos homens, que dedicam 10,9 horas semanais². Isso leva a dupla jornada de trabalho imposta às mulheres pelos arranjos familiares tradicionais, com tarefas domésticas e cuidados com os filhos, deixando menos tempo livre para se dedicar a outras atividades, como atividades políticas.

– Não é hora de tomar risco, a gente tem que ser pragmático. Se colocar gente para receber menos de 200 votos, a gente acaba elegendo só 1, e olhe lá! Não dá pra arriscar ter toda a Câmara com eles – reforçou Álvaro.

– Eu não sou contra o que você está falando por princípio, meu amigo. É só que o mundo da política não é moleza, e você sabe disso. Não dá para arriscar em recém-chegados, experiência conta. Ou você acha que o eleitor gosta de “jogar o voto fora”?

– Se seguirmos essa lógica, nunca nada vai mudar, Marco. É claro, eu sei que experiência eleitoral conta. Mas mulheres aqui na nossa cidade e no nosso país não têm essa experiência. E daí? É argumento suficiente para seguirmos na inércia? Você mesmo adora falar que temos que olhar pelo menos 20 anos para frente. Essa pauta já é realidade, se a gente começar antes, a gente vai sair na frente.

Pesquisas realizadas anteriormente com deputadas e deputados federais (como em MIGUEL, MARQUES e MACHADO, 2015; ARAÚJO e BORGES, 2013; MARDEGAN,

¹ <<https://censo2020.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens.html#:~:text=IBGE%20%7C%20Censo%202020%20%7C%20Diferen%C3%A7a%20cai,20%2C5%25%20m enos%20que%20homens>>. Acesso em 04 set 2020.

² <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas>>. Acesso em 04 set 2020.

2020), demonstram que uma das características relevantes na carreira política é o capital político, que pode ser entendido de maneira abrangente incluindo experiência prévia eleitoral, experiência prévia em cargo eletivo, experiência prévia em cargo em órgãos do poder executivo e experiência em cargos de direção nos partidos políticos, entre outros.

– Sérgio, com todo respeito, você está jogando muito na conta do partido. A gente cuida da mobilização e do recrutamento, e só. Ainda tem o quanto essas mulheres querem e estão aptas ao desafio, mas principalmente, quanto os votantes estão prontos para tê-las como opção. Eu não estou me isentando, estou te apresentando fatos. Eu estou com o Marco aqui, eu não estou te dizendo que, por princípio, eu sou contrário a lutarmos por mais mulheres na política. Não é isso. Mas temos que aceitar que na nossa cidade, no nosso país, na nossa sociedade como um todo, uma mulher é olhada diferente pelo eleitor. Nosso papel não é corrigir vieses e preconceitos, é, infelizmente, usar estrategicamente deles. Ter metade das nossas candidatas mulheres não vai mudar essa realidade, só vai fazer com que tenhamos menos votos – defendeu Jefferson.

O acesso das mulheres aos cargos eletivos é intermediado pelo sistema político e pelos partidos políticos, cujas características influenciam os processos de acesso, começando pelo recrutamento das candidatas e apoio às campanhas eleitorais (ARAÚJO, 2005). Além do papel fundamental nos processos eleitorais, os partidos também fazem as indicações para cargos políticos em órgãos no governo e nas agências. Essas atividades de recrutamento têm consequências na organização do governo, do parlamento, nas relações entre os partidos e intrapartidárias (NORRIS 2013). Para Matland (2002): “O estágio em que os guardiões do partido realmente escolhem os candidatos é talvez o estágio mais crucial para levar as mulheres aos cargos”.

Sérgio ficou em silêncio por alguns segundos. Beto Dias, o pré-candidato a prefeito pelo partido que acompanhava a reunião sem emitir opinião finalmente abriu a boca:

– Você quer mudar isso, comece a mobilizar a população durante os quatro anos de janela entre as eleições, não faltando um mês para ela.

Sérgio riu.

– Eu perdi alguma piada, Sérgio?

– Mobilização... Trabalho durante os quatro anos... E desde quando isso existe? O diretório não tem nem verba para manter um escritório fora dos anos eleitorais. Vocês fingem que não sabem, mas essa é nossa maior chance, enquanto líderes e dirigentes partidários, de fazer alguma coisa sobre isso.

– Você é o presidente. Se não há trabalho fora das eleições, você deveria olhar para sua gestão. Nem toda mobilização precisa de recursos, e certamente não precisa de um escritório.

Um silêncio constrangedor tomou conta da sala.

– Não vamos nos exaltar. – disse Jefferson – Essa discussão sobre o sexo dos anjos de nada vai adiantar agora. Onde paramos?

– A gente estava discutindo se não lançamos candidatas mulheres ou se só lançamos candidatas mulheres – brincou Camargo.

– Muito engraçado, Camargo, mas na verdade eu estava discutindo alocação de recursos. Se a gente vai fazer tudo conforme as regras do jogo, e nós vamos, porque eu não vou colocar meu CPF na linha enquanto presidente deste diretório, para mim faz mais sentido a gente concentrar recurso em quem tem chance. Se nossas mulheres são pouco competitivas sozinhas, vamos jogar em grupo – resumiu Sérgio.

– Realmente, a gente concentrando em 6 candidatos muito competitivos, a gente consegue um impacto, enquanto as 13 jogam como um só – lembrou Jefferson.

– Mas vocês estão considerando que no grupo por gênero todos são iguais, mas não é assim. Vocês não estão falando tanto dessa Camila? Coloca 20% nela e

os outros 10% distribui nas 5 outras. Não precisa cortar candidato que naturalmente tem mais voto – sugeriu Camargo.

– 20%?! Isso não é nem o que vamos repassar para o Zé Eduardo e o Mané juntos! E olha que eles estão para reeleição – falou levantando a voz Dias.

– Por isso que eu falei em colocar muitas mulheres – insistiu Sérgio – Não precisam ser 13, mas 50/50, quem sabe. Assim a gente não exclui o Dorival e outros que sabemos que são fortes, não desperdiçamos recursos em uma pessoa só para atender a cota e também não dividimos o recurso igualmente entre todo mundo, que não faz o menor sentido.

– É, realmente... – considerou Jefferson.

– Eu ainda acho loucura. – disse Álvaro – Essa lista que você trouxe faz sentido. Não tem por que ficarmos nos distanciando dela. São esses nomes que dão mais votos, a gente gastou com uma pesquisa pra provar isso. Não pode ser exatamente esses? Tudo bem, vamos mudar alguns nomes até podemos, mas não vamos mudar mais do que precisa.

– Eu concordo com o Álvaro – seguiu Marco – e digo mais, discordo que não faz sentido dividir igualmente o recurso. A gente tem outros instrumentos para apoiar nossos candidatos. Se quisermos evitar conflito entre eles, apoio horizontal é uma boa saída.

Todos se olharam balbuciando algumas palavras inteligíveis. Jefferson tomou a frente:

– O que foi, Serginho? – o presidente não escondia o descontentamento com o andar da reunião.

– Eu realmente acho que a gente pode surfar nessa onda das mulheres. Não é só o que é certo ou o que justo, eu realmente acredito no resultado disso. Olha todo mundo falando disso. E eu me comprometi com várias mulheres que tínhamos um grupo grande, que faríamos diferente nessa área.

– Com várias? – ironizou Camargo

– Sim, eu falei disso em todas visitas que fizemos. Você sabe que não se tem tantas pré-candidatas assim por acaso. Vocês mesmo falaram: os outros vão ainda

ter que usar laranjas, e eu me orgulho que convenci tantas mulheres a participarem. Não acho certo cortar todo mundo.

– Meu filho, não dá para ser infantil. – alfinetou Álvaro – Não podemos ter maus resultados só porque você prometeu algo para mulheres que até ontem nem do partido eram.

– Não precisamos baixar o nível. – disse Jefferson tentando acalmar os ânimos – O Sérgio tem razão: algumas mulheres vão fazer muito barulho se não tiver representação. A gente não parou de divulgar a paridade na pré-candidatura, teríamos que ter uma boa desculpa para não apostarmos nelas e apostarmos em homens que também não sabemos realmente a força eleitoral. Além da questão do gasto. Usar candidata laranja está fora de cogitação, e concordo com o Sérgio que o uso desse tipo de recurso tem que ser muito pensado, não dá para desperdiçar porque dinheiro ganha eleição, e do outro lado eles estão com a máquina.

Todos ouviram com atenção, enquanto pensavam na melhor saída para o imbróglio.

– Serginho, não me leva a mal, mas eu tenho uma proposta – continuou Jefferson.

– Claro, pode falar – respondeu curioso.

– Quanto você quer ser vice-prefeito?

– Como assim? É claro que quero.

– Sim, sim, eu sei. Mas é que eu me lembro de quando sugerimos seu nome para o Dias – disse olhando para o pré-candidato a prefeito no canto da mesa – em uma reunião aqui mesmo, você disse que estaria à disposição para atender o que fosse melhor.

– E sigo assim. Por quê? O que está pensando?

– De novo, eu sei que está muito em cima, já soltamos várias pesquisas com seu nome na chapa, o povo já sabe, e não quero me intrometer, mas tive uma ideia que poderia funcionar. – os olhos de todos estavam atentos ao jovem membro do partido – E se chamarmos a Camila para ser vice-prefeita?

– E o que isso tem a ver com a discussão? – perguntou Dias.

– Claro! Tem tudo a ver. – adiantou Camargo – É uma ideia, Jefferson. Claro, se o nosso vice aceitar.

– Se ela sair, a gente não precisa desperdiçar recurso. A gente justifica que os 30% foram pra majoritária, que tem mulher na chapa. Já conta para o cálculo!

– Vamos lembrar que perdemos uma potencial vereadora eleita. Essa Camila é a nossa candidata mais forte... – lembrou Álvaro.

– Claro, levar uma vereadora forte é bom, mas ela também será uma vice forte. – retrucou Jefferson

– Mas isso realmente não resolve a questão da participação, né? – indagou Sérgio.

– Mas é claro que resolve. Melhor ter uma vice-prefeita que uma vereadora, não é não?

– Mas não é uma vereadora. É metade das vereadoras.

– Mas a gente sabe que só uma seria eleita. E olhe lá! – disse Camargo.

– Não é questão do que a gente sabe, é do que o povo sabe. E do que o povo vê, principalmente, e o que nossas candidatas veem – defendeu Sérgio.

– O povo vai ver todos os partidos colocando o mínimo possível, Sérgio. Você não vai conseguir mudar a realidade do mundo em uma eleição. A gente não tem mulher na política, olha para essa mesa! Como você quer que tenha um monte de candidata? Pior, que tenha um monte de mulher eleita? No mundo como ele é, muito melhor uma vice-prefeita, mesmo para o povo. A gente vai estar de igual para igual na competição na Câmara e tem esse diferencial no Executivo. E nos livramos da questão do financiamento.

A sub-representação feminina ocorre em outros espaços de poder. No ranking sobre mulheres no Poder Executivo, há indicações de que o Brasil esteja nas últimas

*colocações também.*³ *No âmbito do Poder Judiciário, há 38,8% de juízas, 25,7% de desembargadoras e 26,4% presidentes de tribunais.*⁴ *Na iniciativa privada a participação feminina também é muito baixa, sendo de 13% o percentual de mulheres na presidência de empresas no Brasil e 26% em cargos na diretoria.*

– Quanto às nossas candidatas, se a Camila topar, não vejo nenhuma outra fazendo barulho – complementou Jefferson

– E vocês acham que a Camila vai estar tranquila com isso?

– É claro... – disseram simultaneamente Álvaro, Camargo e Dias – Ela vai ser vice – continuou Camargo.

– Então vocês preferem que eu abra mão de ser vice e coloque 9 mulheres quaisquer na lista de candidatos do partido, que não receberão nenhum apoio financeiro do partido, a elaborar uma estratégia com mais participação?

– É o que mais faz sentido, Serginho – confortou Jefferson.

Sérgio ficou em silêncio por alguns segundos e suspirou profundamente.

– Pelo partido e principalmente por você, prefeito, eu faço o que precisarem. Sou um bom soldado. Mas preciso pensar melhor. Vou sondá-la e voltamos a conversar.

³ <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/brasil-ocupa-161deg-lugar-em-ranking-da-presenca-das-mulheres-no-poder>>. Não conseguimos acesso direto à pesquisa. Acesso à matéria em 30 ago 2020.

⁴ Diagnóstico da participação feminina no Poder Judiciário, CNJ, 2019. <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/conteudo/arquivo/2019/05/cae277dd017bb4d4457755febf5eed9f.pdf>>. Acesso em 03 set 2020.

NOTAS DE ENSINO

Sinopse

Depois de um árduo e muito bem sucedido esforço de mobilização de pré-candidaturas para as eleições municipais, Sérgio, um jovem dirigente partidário, se depara com um desafio, o de decidir quais destas pré-candidaturas serão e não serão efetivadas.

Ao analisar suas opções, percebe que a maioria das pré-candidatas mulheres são pouco competitivas, ocasionando em uma dificuldade no cumprimento da cota partidária e uma discussão entre seus pares na direção partidária sobre quais estratégias usar para selecionar os candidatos e como melhor utilizar os recursos de campanha.

Objetivos pedagógicos

O caso pretende ilustrar a complexidade das decisões político-partidárias e seus impactos na sociedade e nas eleições. É dada primazia à questão de gênero, cujas alterações recentes nas regras eleitorais devem impactar muito o debate público durante as eleições municipais em 2020. O intuito é discutir as questões de exclusão política de mulheres no Brasil, em especial sobre o papel dos partidos políticos neste fenômeno.

Desigualdades de gênero na política

- Estereótipos de gênero (sociedade)
- Contexto socioeconômico (sociedade)
- Machismo estrutural (sociedade)
- Inércia institucional (partido)
- Sexismo organizacional (partido)

Oferta de mulheres na política

- Vontade de disputar uma eleição (indivíduo)
- Oferta de candidaturas competitivas (indivíduo/partido)

Demanda de mulheres na política

- Esforço de recrutar mulheres (partido)
- Vontade de selecionar candidatas mulheres (partido)
- Vontade de votar em mulheres (sociedade)

Processo de exclusão política de mulheres

- Funil de população feminina > mulheres filiadas em partidos > mulheres candidatas > mulheres eleitas
- Sub mobilização (partido)
- Recrutamento fraco (partido)
- Menor nível de competitividade (indivíduo/partido)

Questões para uso do caso

Aquecimento

- O que mais te chamou atenção no caso?
- Qual estratégia, na sua opinião, que o partido deveria estabelecer na escolha de seus candidatos? Por quê?
- Qual decisão você tomaria no lugar de Sérgio?

Desafios para a participação de mulheres na política a nível sociedade

- Quais as principais barreiras na sociedade para maior igualdade de gênero na política?
- Como elas podem ser combatidas?
- É papel dos partidos alterar essa lógica? Se sim, como?

Desafios para a participação de mulheres na política a nível organizacional

- Quais as principais barreiras nos partidos para maior igualdade de gênero na política?
- Quais são políticas e ações que podem ser realizadas para lidar com esse desafio?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Clara. Partidos políticos e gênero: mediações nas rotas de ingresso das mulheres na representação política. **Revista de Sociologia e Política**, (24), 2005. 193-215. <<https://www.scielo.br/pdf/rsocp/n24/a13n24.pdf>> Acesso em 03 set 2020.

ARAÚJO, Clara, BORGES, Doriam. Trajetórias políticas e chances eleitorais: analisando o “gênero” das candidaturas em 2010. *Revista de sociologia e política* v. 21, nº 46: 69-91 jun. 2013 <<https://www.scielo.br/pdf/rsocp/v21n46/05.pdf>> Acesso em 03 set 2020.

BIROLI, Flavia. Gênero e desigualdades: os limites de democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BARBIERI, Carla, RAMOS, Luciana. Democracia e representação nas eleições de 2018: campanhas eleitorais, financiamento e diversidade de gênero: relatório final (2018-2019). 2019. <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/27646>> Acesso em 03 set 2020.

KROOK, Mona Lena, NORRIS, Pippa. Beyond Quotas: Strategies to Promote Gender Equality in Elected Office. **Political Studies** 62(1):1-19, 2014. <http://mlkrook.org/pdf/ps_krook_norris_2014.pdf> Acesso em 03 set 2020.

MARDEGAN, Ivan O. Theory and evidence of women’s political exclusion in Brazil. 145p. Tese de Doutorado – Fundação Getúlio Vargas, EAESP, 2020. In <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/28931>> Acesso em 10 abr 2020.

MATLAND, Richard E. *Enhancing Women’s Political Participation: Legislative Recruitment and Electoral Systems*. in International IDEA, 2002, Women in Parliament, Stockholm (<http://www.idea.int>) (this is an updated version of the chapter, which was originally published in International IDEA’s Handbook: Women in Parliament: Beyond Numbers, Stockholm, International IDEA, 1998). In <https://www.onlinewomeninpolitics.org/beijing12/Chapter3_Matland.pdf>. Acesso em 08 dez 2020.

MIGUEL, Luis Felipe, BIROLI, Flávia. Práticas de Gênero e Carreiras Políticas: vertentes explicativas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(3), set-dez 2010, 653–679. <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v18n3/v18n3a03.pdf>> Acesso em 10 abr 2020.

MIGUEL, Luis Felipe; MARQUES, Danusa; MACHADO, Carlos. Capital familiar e carreira política no Brasil: gênero, partido e região nas trajetórias para a Câmara dos Deputados. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 58, n. 3, p. 721-747, set. 2015. doi: <<http://dx.doi.org/10.1590/00115258201557>. Acesso em 26/08/2020> Acesso em 10 set 2020.

NORRIS, Pippa. Recrutamento Político. **Revista de Sociologia e Política**, V. 21, Nº 46: 11-32 JUN. 2013. Artigo traduzido do texto originalmente publicado sob o título "Recruitment" (In: CROTTY, W. & KATZ, R. S. (eds.). *Handbook of Party Politics*. London: Sage, 2006). Tradução de Bruno Bolognesi e revisão da tradução de Gustavo Biscaia de Lacerda.

SACCHET, Teresa. A culpa é dos partidos: desigualdades de gênero em disputas eleitorais". In BIROLI, Flavia et al (org). **Mulheres, poder e ciência política: debates e trajetórias**. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2020. capítulo 3, pp. 71-107.